

PAVULAGEM: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CHAPÉU COMO ADEREÇO DO ARRASTÃO

PAVULAGEM: A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE HAT AS AN ARRASTÃO'S PROP

ROSA, Fabiano Matheus Pinheiro¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo uma análise semiótica na perspectiva de Charles Sanders Peirce (2005) sobre o chapéu emblemático como adereço do ato cultural do grupo *Arraial do Pavulagem*. Em termos metodológicos, a pesquisa se constitui em qualitativa e bibliográfica. A abordagem de apresentação do trabalho se divide em 4 momentos: “Introdução”, com aparatos gerais do que irá tratar o trabalho; “Uma breve historicidade do *Arraial do Pavulagem*”, que divaga sobre a formação do grupo; “Análise do chapéu”, organizada em três tópicos (O chapéu do brincante no Arrastão; O chapéu como símbolo e O chapéu como índice), e a “Conclusão”, com a reflexão dos resultados dessa investigação.

Palavras-chave: Arraial do Pavulagem; Arrastão; Chapéu.

Abstract: The objective of this work is a semiotic analysis from the perspective of Charles Sanders Peirce (2005) about the emblematic hat as a prop of the cultural act of the *Arraial do Pavulagem* group. In methodological terms, the research is qualitative and bibliographical. The work is divided into 4 stages: “Introduction”, with general apparatus of what the work will be about; “A brief historicity of *Arraial do Pavulagem*”, that digresses about the formation of the group; “Analysis of the hat”, organized into three topics (The player's hat in Arrastão; The hat as a symbol and The hat as a mark), and the “Conclusion”, with the reflection of the results of this investigation.

Keywords: Arraial do Pavulagem; Arrastão; Hat.

Como citar este artigo?

ROSA, F. M. P. Pavulagem: Uma análise semiótica do chapéu como adereço do Arrastão. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 20, n. 1, p. 200-219, 2021.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Belém, Pará, Brasil; E-mail: mathpinheiro@gmail.com; Trabalho orientado pela Prof. Ma. Erica Lima, professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Pará; E-mail: erica.nascimento@ifpa.edu.br.

1 Introdução

Este artigo é o resultado do estudo feito na disciplina “Semiótica” ofertada no 5º semestre pelo curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa do câmpus Belém do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará.

O teor investigativo para o desenvolvimento desta análise ocorreu a partir da reflexão sobre o chapéu emblemático como adereço da atuação do movimento cultural *Arraial do Pavulagem*. Desse modo, por ser um grupo musical que adere a partir de suas canções um movimento festivo na capital do estado do Pará, há uma exacerbada valorização das tradições regionalistas do popular nortista, com uma singular perspectiva de identidade cultural carregada de símbolos, trabalhando o social com a imponência periférica em seus atos análogos de representações nos cortejos.

Essas representações são produzidas a partir da cooperação da comunidade de diversos cantos da região metropolitana de Belém, por meio dos atos de confecções e oficinas realizadas pelo Instituto Arraial do Pavulagem. Assim, proporcionando às comunidades um contato mais assíduo e vivenciado de construções para que tudo saia com a essência da cultura amazônica, uma vez que esse contato é feito por chamadas antes e durante a realização dos trajetos.

Logo, o presente trabalho tem como objetivo analisar este adereço utilizado dentro do arrastão, buscando entender as inspirações estéticas que o grupo teve para compor uma recepção histórica do contexto popular ligado aos ritmos e danças da região. Tendo como percepção cultural, a princípio, o homem do interior e da periferia paraense, o caboclo feirante do Ver-O-Peso que demonstra a sua realidade no cotidiano da cidade, buscando o olhar de classes oprimidas socialmente que estão no sentido contrário ao do processo cultural que a classe dominante tenta massificar pela rítmica do mundo globalizado.

Essa análise tem como foco teórico principal a vertente semiótica de Charles Sanders Peirce (2005), com o prisma científico que estuda os signos e suas leis comunicativas regidas por sua transmissão e interpretação, e por seu esquema triádico: Signo – Objeto – Interpretante. Esse processo é chamado de Semiose e ocorre por etapas lógicas e filosóficas na mente humana (de modo muito rápido).

Para juntar-se a essa estruturação, Peirce alinha outra tricotomia para compor o entendimento do processo de linguagem do signo, o qual pode ser caracterizado por: Ícone (não há conexão direta com o objeto representado, mas mantém relação análoga com o signo); Índice (corresponde à relação física com o objeto que representa, ou seja, dando indícios sobre o seu signo) e Símbolo (tem uma relação convencionada com o signo que está representando). Ao que conduz o trabalho, na análise do chapéu, só interessam dois aspectos desses estudos: Índice e Símbolo.

Em termos de organização metodológica, a pesquisa direcionou-se em atos qualitativos e bibliográficos. A organização do trabalho é categorizada por seções: a primeira configura-se em uma breve construção histórica e social do grupo *Arraial do Pavulagem*, a qual concebe uma trajetória imponente com grande valor simbólico e estético, por meio de seu movimento cultural no meio urbano através de cortejos populares em Belém. A segunda é composta pela análise do adereço escolhido (chapéu), que denota todo o processo de significação semiótica e cultural do arrastão paraense, e é dividida por três subtópicos: “O chapéu do brincante no Arrastão”, “O chapéu como símbolo” e “O chapéu como índice”. Por fim, na seção de “Considerações Finais”, há os resultados levantados pela pesquisa sobre a importância desse valor cultural e alegórico.

Portanto, o eixo deste estudo emerge na tradição de se fazer uma boa quadra junina com o adereço-chave do arrastão. Esse objeto do cortejo representa momentos lúdicos e de empoderamento da identidade artística local, capaz de produzir sentidos e vivências únicas, transformando o asfalto que o trajeto percorre em um gigantesco rio colorido de gente, o que corrobora com a afirmação de Paes Loureiro (2015, p. 79):

A cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressam, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário – casas, barcos, etc. [...] Sobrevive nela, uma consciência individual pela qual o homem se realiza como cocriador de um mundo em que o imaginal estetizante e poetizador se revela como uma forma de celebração total da vida.

Concluindo, assim, que as manifestações culturais, como a do Arraial, são de cunho importantíssimo aos costumes, aos usos, às narrativas místicas e à

religiosidade atrelada ao festejo pagão e, na contemporaneidade, o simbolismo de seu(s) adereço(s) ainda segue unificando representações de todas essas alegorias identitárias.

2 Uma breve historicidade do Arraial do Pavulagem

O *Arraial do Pavulagem* é um grupo musical que expõe seu trabalho no espaço urbano e histórico de Belém, e seu principal intuito é levar a irreverência da cultura popular amazônica, criando um movimento de valorização das tradições locais ligadas aos ritmos e danças da região nortista e, também, com traços do nordeste. O *Arraial do Pavulagem*, portanto, desenvolve um aspecto próprio em sua atuação, o qual sempre busca idealizar o tradicional e o pós-moderno em suas ações enquanto cortejo intimista ano após ano.

O seu processo enquanto etimologia deriva do termo *Arraial*, que indica o local onde são realizados festejos e celebrações (geralmente atrelados às festividades religiosas do catolicismo para contemplar os Santos), e *Pavulagem*, que retrata um neologismo originário de pavão, um animal deslumbrante que condiciona o significado de pomposo e bonito, entretanto, na linguagem paraense, enquadra-se como "o que gosta de aparecer/o gaiato".

Diante disso, em 1987, iniciou-se esse movimento como forma de brincadeira na Praça da República, com a finalidade de divulgação do trabalho da banda, e, também, como forma de descontrair os domingos de junho juntamente com a alegoria do *Boizinho na Tala* e o início do arrastão chamado *Batalhão da Estrela*. Assim, nasceu o Arraial, com um simples palco improvisado em frente ao um espaço histórico da praça, mais precisamente em frente ao Teatro Waldemar Henrique e, com o passar do tempo, cresceu a popularidade da brincadeira e deu origem ao vasto arrastão com a diversidade de sons, ritmos e confecção de instrumentos próprios.

Entre esses aspectos regionalistas, tinha-se também, para compor a atração, a figuração do Boi Bumbá² que, a princípio, era chamado de

² O boi é usado durante as apresentações e é produzido com a construção de madeira e tecida com diversas camadas de bordados e fitas coloridas. Os movimentos do boi são controlados por um homem que fica embaixo da fantasia. Quanto à sua origem, cada região tem sua própria conotação, entretanto, no Norte e Nordeste, onde é mais presente tal figuração, se tem a origem da mescla dos povos indígenas e africanos que cultuavam o boi em festejos e rituais que originaram em lendas no período junino e marco folclórico popular brasileiro, com personagens humanos e animais fantásticos, que gira em torno de uma lenda sobre a morte e ressurreição de um boi. Na região Norte esse teor lendário se tornou o patrono de eventos e cortejos com grandes encenações de danças e compassos.

“Pavulagem do Teu Coração” e atualmente passou a ser chamado de “Boi Pavulagem”. Tal mudança teve um aspecto de ampla visão do contexto cultural que o grupo queria desenvolver como simbologia semelhante à titulação que se consolidou como *Arraial do Pavulagem* em 1987. Logo, o universo se expandiu de elementos populares e passou a ser cultuado pela população belenense, não se limitando mais a apenas cantigas regionalistas e à cultura do boi-bumbá, mas sim um arrastão sociocultural de grandes representações populares.

Com os 17 anos de vivência e tradição nos 4 domingos do período junino, em 2003, o grupo cria o Instituto Arraial do Pavulagem com dedicação à pesquisa, à produção e à valorização da cultura popular de raiz feita na Amazônia, com a utilização de linguagens, ritmos, elementos simbólicos de folguedos, entre outros. Essa realização se baseia na referência de difusão de tradições culturais, fortalecendo, assim, uma identidade cultural paraense, ofertando ao público um trabalho de criatividade e cooperação com o arrastão, que fez realizar-se, em 2020, o trabalho de cooperação criativa, proposto pelo Instituto, junto com a manifestação cultural do Arrastão composta pelo grupo musical, que possibilitou o reconhecimento pela Assembleia Legislativa do Pará (Alepa), que aprovou o projeto de lei Nº 315/2019, consolidando, em plenas ações afetivas, como Patrimônio Cultural e Imaterial do Pará, em uma votação unânime.

Desse modo, com o grande crescimento do grupo nos dias atuais, a sua difusão parte dos eventos juninos para outros grandes cortejos ao longo do ano. O que antes era proferido somente em junho, passou a ser em outros três momentos do ano: o primeiro arrastão se consolida em fevereiro, no período do pré-carnaval, no bairro da Cidade Velha, com a titulação de “Cordão do Peixe-Boi”; em junho, no momento da quadra junina, com o “Arrastão do Boi Azul” na tradicional Praça da República; e em outubro, como homenagem ao Círio de Nazaré, com o “Arrastão da Cobra Grande”, que acontece após a romaria fluvial, com o trajeto saindo da Praça do Carmo.

Em sua caracterização, o Arraial busca, como adereços principais, a combinação do festejo da quadra junina, que é o seu principal tema, e os traços dos ritmos, como o Carimbó e forte Xote Bragantino, procedendo, assim, aos adereços visuais: instrumentos musicais, a roupa (sempre clara e blusa azul para simbolizar o boi), o chapéu de palha decorado com fitas acetinadas (com a padronização de quatro cores: amarelo, verde, azul e vermelho),

ROSA, F. M. P.

fantasias/adereços folclóricos, bandeiras dos Santos da quadra junina suspensas em varas, o próprio boi-bumbá e certas alegorias de pernas-de-pau com vestimentas criativas e sempre coloridas. Configurando, portanto, grandes interações de identificação com os brincantes e os componentes do grupo, dando a alegria e dança para esses cortejos coloridos nas ruas e contemplando a sua realização em todos esses três momentos pertinentes na grande capital do Pará.

3 O chapéu do brincante no Arrastão

O Arraial do Pavulagem é um marco cultural belenense que acontece por meio de diversos cortejos a partir do primeiro domingo do mês de junho e termina no último domingo de junho ou no primeiro domingo de julho, dependendo do estado consecutivo dos meses, uma vez que essas realizações são ofertadas para a festa dos Santos da quadra junina e cada domingo representa um Santo da quadra. No mês de junho, o cortejo sai da Escadinha do Cais do Porto (Figura 1), ao lado da Estação das Docas e segue rumo à Praça da República, em sua concentração, contendo a participação de quase 30 mil brincantes.

Figura 1 – Concentração do Arraial da Pavulagem na Escadinha do Cais do Porto, antes da saída do cortejo



Fonte: Facebook Arraial do Pavulagem: <https://bit.ly/2CTzqDf>

O adereço-chave mais popular do arrastão, como visto acima, é o chapéu de palha acetinado por 4 cores (azul, verde, vermelho e amarelo), e ao topo está um desenho de uma estrela azul. Contudo, antes de designar as fundamentações das análises que serão feitas posteriormente, divididas pelos subtópicos abaixo, é válido desbravar, nesta segunda seção, uma breve historicidade do chapéu de palha.

Nos tempos primitivos, havia vestígios de uso de adornos de panos utilizados como proteção na cabeça, com a finalidade e necessidade de cobrir e maximizar o intemperismo climático. Por índices nas gravuras de pedras foi chegado ao resultado que o povo Persa de Persépolis utilizava tal adereço de pano (LAVÉR, 1989).

Com o passar dos séculos, o adereço passou a ser produzido com outros materiais e ganhou uma significação mais concisa de proteção contra o sol e a chuva. Todavia, essa simbologia refere-se mais à comunicação dos conjuntos sociais em que a palha foi introduzida como um dos métodos para a composição de tal objeto.

Há relatos de que os antigos povos gregos e romanos começaram a utilizar constantemente esse modelo para ajudar no sol escaldante das colheitas e seivas do pastoril. Chegou a ser elemento indissociável do povo judeu, mas a menção inicial da palha no chapéu foi feita na Europa no século XV d. C.³ Nessa conjuntura cronológica, era comum os diversos camponeses estarem cultivando e passando tempo ao ar livre nos campos na presença dos chapéus cobrindo as suas cabeças. Logo, é visível que este elemento é símbolo de uma categoria socioeconômica baixa.

No Brasil, essa prática foi cultuada mais fortemente no período da colonização, advinda dos escravos que se depuseram dessa vestimenta para proteger suas cabeças com os densos trabalhos nas senzalas e também por suas religiosidades em cerimônias, uma vez que certas entidades utilizavam em suas caricaturas; há indícios, também, de que utilizavam como forma de proteção para seus cabelos crespos.

No estado do Pará, essa prática também foi marcada por sua colonização e pelo período da Belle Époque⁴. Logo, o chapéu usado no Pavulagem remete aos

³ Site da história do chapéu. Disponível em: <http://maisonchouette.blogspot.com.br/2011/04/historia-dochapeu.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

⁴ A Belle Époque foi o período histórico ocorrido mais precisamente em meados de 1871. Ficou conhecida mais fortemente nas regiões norte e nordeste e se configura pelo progresso de urbanização e movimentos tecnológicos da colonização portuguesa.

povos miscigenados que, ao longo do tempo, identificam-se, de modo sociocultural, como a representação do feirante periférico e do pescador ribeirinho que, unificados, têm simbologia dos caboclos amazônicos.

Em relação à diversidade retratada por essa configuração da construção do chapéu, Hobsbawm (2014) dialoga sobre o existencialismo cultural usado no arrastão, que pode ser dividido em: a parte que se estabelece no viés do(s) símbolo(s), a(s) relações sociais que compõem o(s) símbolo(s), das condições sociais que pertencem ou se fazem pertencentes para legitimar instituições, lares, status, autoritarismo e grandes ideais socioculturais.

4 O chapéu como símbolo

Como primeira parte da análise do processo de significação do chapéu, que é usado nos cortejos do Pavulagem como recorte tradicional do povo periférico e ribeirinho do Estado, marca-se, portanto, o poder de influência cultural que o arrastão empodera e ressignifica. Tornando, assim, toda a jornada construtiva desse adereço que vem do latim *cappa*, surgido 4000 anos a. C., de certo modo, determinando e designando o povo de baixa renda.

Logo, a primeira simbologia que o chapéu do arrastão remete é a ressignificação da identidade do caboclo amazônico, que precisava atrelar fielmente a função desse acessório ao modo de proteção do sol nas vendas de mercado, como, por exemplo, o Mercado do Ver-O-Peso, ou nas passagens de canoas e barcos nos portos e praias para vender açaí e peixe.

Contudo, a construção simbólica é dada por convenção de atos culturais e sociais do mundo real, ou seja, para chegar a essa interpretação de símbolo pelo teor semiótico, deve-se entender como acontece o processo de significação por este meio.

O processo de signo é tido como todo ato de linguagem proferida, ou seja, não se isola uma única sentença final para se analisar, mas, sim, todo o processo no qual essa(s) sentença(s) possa(m) ser realizada(s). Desse modo, chega-se à conclusão de que todo ser é fruto de simbologias no meio natural/real e mental, o que torna a validação de que linguagem é representação e todo ato ou fato social/cultural tem seu sentido, como afirma Peirce (2005, p. 52):

Um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de

fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo aquele objeto. Assim, é, em si mesmo, uma lei ou tipo geral, ou seja, um legi-signo.

Nesse viés, o signo é um elemento cultural e sua relação tem ramificação convencionada, e essa convenção é um modo frutífero de instâncias pragmáticas de um contrato social. Símbolos, portanto, são acertos naturais regidos por leis, convenções e pactos culturais, e pertencem a tais conceitos por constituírem uma relação com o objeto, porque carregam informações que são atribuídas nas passagens socioculturais, criando, assim, interpretantes determinados a buscarem denominações e argumentações para o objeto (SANTAELLA, 2002, p. 20).

Portanto, o símbolo é acrescido de fluxos de uma consciência que pode adquirir forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais (BAKHTIN, 1997, p. 35).

O chapéu utilizado no Pavulagem tinha, de início, a função de proteger seus brincantes da luz do sol e era utilizado pelos músicos, em suas primeiras apresentações, antes de se consolidarem como um grande teor cultural, como forma de arrecadação de pequenas quantias do público para que assim fosse feita marcação econômica do grupo.

Todavia, ao passar do tempo, com o crescimento do movimento, o cortejo saindo pelas ruas começou a produzir essa manifestação cultuada do caboclo, que vem do período dos colonizadores e refletem em sua identidade, que é singular, mas de forma lúdica, uma vez que os brincantes vislumbraram esse adereço como identidade nortista desse festejo, corroborando, assim, com o dito de Peirce (2005, p. 53):

Um argumento é um signo que, para seu interpretante, é um signo de lei. Podemos dizer que um rema é um signo entendido como representando seu objeto apenas em seus caracteres; que um dicente é um signo entendido como representando seu objeto com respeito à existência real; e que um argumento é um signo que é entendido como representando seu objeto em seu caráter de signo.

Nesse sentido, fica clara a identidade cultural do corpo construída por parte do adereço, com a relação sócio-histórica com todos os encadeamentos vigentes da capital paraense, pois a cada cortejo o imponente simbolismo que se atrela a esse discurso é fortificado e a massificação global não se dispõe à inibição

do movimento, ou seja, a força contra essa hegemonia aquece a voz do povo enquanto realização folclórica a qual o Pavulagem remete.

É importante ressaltar que a historicidade também é composta pelo cenário cultural da cidade, que surte inquietação de grandes construções para o imaginário chapéu, enquanto evocação do caboclo, pela expressão que o próprio nome do grupo carrega: a pavulagem. Assim, transformando o acessório como adversidade do “querer aparecer” de forma lúdica com as fitas do chapéu cada vez maiores e com traços confeccionais de outros materiais presentes, como, por exemplo, a purpurina.

Para Edgard Chagas Junior (2016), essa transformação, enquanto seres amazônidas, que vem das práticas culturais do grupo Arraial do Pavulagem, marca um segmento de paisagismo diferenciado e consorciado com o contexto social, transformando, nem que por frações temporárias da quadra junina, em um cotidiano por meio de criatividade e inovação do espaço urbano e tendo um olhar perspicaz sobre seres pertencentes aos frutos da cidade. Fazendo, assim, com que essas manifestações estimulem a sociabilidade.

Esse emaranhar de gente corrobora para a marcação do segundo processo de análise de significação do chapéu como símbolo, que é o chapéu enquanto representação do boi-bumbá, que se denomina Boi Pavulagem.

Tem-se como um outro adereço primordial, que vem entrelaçado ao meio da multidão com encenações e grande pavulagem, a figura junina do boi em seu balancear folclórico, promovendo a todos os públicos que seguem o arrastão ações educativas dessa tradição sociocultural que transcende viva no imaginário contemporâneo de cada indivíduo da capital. Essa cultura popular amazônica tem suas confecções no Instituto Arraial do Pavulagem, onde a aproximação com o público acontece de forma calorosa antes e após os cortejos, por meio de tradições musicais, dança, teatro de rua, entre outros.

Partindo da perspectiva de que ações políticas culturais devem ser prestigiadas como atividades inclusivas do social-urbano com investimentos e porcentagens de rendas para gerar projetos de apoio a todos, incluindo os jovens desamparados. Assim como afirma Bakhtin (1997, p. 35-36): “os signos são uma espécie de alimento da consciência individual e junta-se a matéria de seu desenvolvimento, refletindo na sua lógica e em suas leis”. Desse modo, a lógica da consciência é igualmente a lógica comunicacional ideológica, que resulta da interação do processo semiótico de determinado corpo social.

PAVULAGEM: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CHAPÉU COMO ADEREÇO DO ARRASTÃO

O Arraial, por meio desses incentivos governamentais, transforma esses investimentos logicistas em alegorias como forma de lucros, e são revertidos em mais confecções que remetem a esse significar, portanto, produzindo a figuração do boi e sua consolidação como outro grande símbolo do Pavulagem, e soma-se à sua representação na parte do topo do chapéu (outro símbolo emblemático, que está sendo analisado), em formato de estrela envolta por um círculo de cor azul (Figura 2).

É possível ver no percurso, que leva aproximadamente 40 minutos, o compasso marcado dos Xotes e do Carimbó tocado no cortejo, e nessa encenação, através da música, está o boi azul, cheio de fitas coloridas, como a parte do chapéu que todos os brincantes fazem uso em suas cabeças no momento da caminhada. O boi está sempre com a sua pavulagem e dançando as coreografias e passos já ensaiados.

Figura 2 – Chapéu



Fonte: Flickr Carlos Macapuna: <https://www.flickr.com/photos/macapuna/9118206801>

A musicalidade remete ao balancete da Marujada de Bragança⁵, que vai embalando os participantes e corrobora para essa outra vertente folclórica que possui aspectos de inspirações e também compuseram na confecção do chapéu, uma vez que a Marujada usa um chapéu que tece várias fitas de cetim.

⁵ A Marujada de Bragança (PA) é um folguedo folclórico que teve início em 1798, quando os senhores brancos, atendendo ao pedido de seus escravos, permitiram a organização de uma Irmandade e a primeira festa em louvor a São Benedito. Em sinal de reconhecimento, os negros foram dançar de casa em casa para agradecer a seus benfeitores. Disponível em: <http://forumeja.org.br/pa/node/92>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ROSA, F. M. P.

Mas, voltando ao segmento significativo da simbologia do chapéu enquanto boi, tem-se este atrelado pelo fato de o boi-bumbá ser azul e carregar uma estrela na cabeça, remetendo ao nome dos primeiros arrastões “Batalhão da Estrela” e a noite estrelada de São João (santo patrono da quadra junina). Esse momento é posto de forma subentendida na encenação quando o Boi Pavulagem (Figura 3) convida outros bois para brincar e cortejar o modo “gaiato” de ser. Esses bois são chamados quase sempre de outros bairros de Belém que praticam a mesma cultura junina do boi e, no momento que eles se encontram na teatralidade de rua no momento do cortejo, abre-se uma roda e têm-se em volta alguns componentes do Instituto sobre pernas-de-pau (que desempenham outra alegoria presente no arrastão) e a própria população presente se faz parte da encenação (LIMA; GOMBERG, 2012, p. 55-56).

Figura 3 – Boi Pavulagem



Fonte:

https://1.bp.blogspot.com/-cGRgP2GffTc/XrZ3lHWBxHI/AAAAAAAAAGT4/gyDxa9FVb6II7v_oLl4tzF5XpPxhTGyTgCLcBGAsYHQ/s1600/ii.jpg

Esses adereços do Boi Pavulagem são compostos por materiais recicláveis pelo Instituto e é uma forma de fazer um uso manual e natural como as referências didáticas educativas supracitadas. De maneira lúdica e populosa,

fazer essa confecção traz o cenário amazônico por vozes criativas da própria população, fomentando a memória como resgate cultural e da imaginação. Essa forma de associar o boi com o chapéu remete às emoções criativas que o signo transmite através da concepção de mediação que dá origem à consciência plural com o sentido de aprendizagem sobre a perspectiva do interpretante com o social/cultural (PEIRCE, 2005, p. 14).

Em torno dessa perspectiva simbólica do interpretante e suas emoções culturais, há um elemento marcante a mais nessa associação entre a figura do Boi Pavulagem, representada pela estrela azul em cima do chapéu. O elemento da tonalidade azul não é uma simples escolha de gosto convencionalizado do grupo, o seu processo de escolha tem um contexto identitário puramente cultural e religioso.

Esse tom remete às águas do imaginário paraense, uma vez que como uma cidade fluvial que está cercada por baías e grandes rios, o folclore do estado está recheado de composições que esse elemento natural pode trazer e estar presente. No cortejo do Arraial não poderia ser diferente; o primeiro arrastão de junho, para abrir a quadra junina, só sai pelas ruas quando o Boi Pavulagem desembarca das águas para terra; seu primeiro trajeto vem pelas águas da Baía do Guajará, acompanhado do seu amigo Boi Malhadinho, do bairro do Guamá (onde o trajeto começa). Ele vem pelas águas, onde se posiciona no barco até a chegada à Estação das Docas; no barco, ele vem acompanhado também de grandes vaqueiros, grupos de carimbó e vários brincantes.

Essa cor tem um vislumbre místico e pode significar tranquilidade, serenidade, harmonia e grande comoção de espiritualidade. O azul simboliza, portanto, a água, o céu e o infinito também, que corrobora com o cenário junino que o Pavulagem retrata em suas tradições, pois até a composição da camisa dos componentes em junho é azul, para simbolizar a água fluente da cidade e a estrela de São João, a noite estrelada, a bandeira do patrono da quadra.

Sendo assim, essa cor é posta em vários momentos do arrastão e configura-se como um elemento do boi-bumbá que sobressai a emoções convencionadas na confecção do chapéu, deixando margem para aquilo que a sensorialidade captura.

Logo, conforme Santaella (2002, p. 30), o signo é o projetar, antes de tudo, por consonância de suas qualidades. A arte de contemplar e o visualizar são etapas dos fenômenos e de elementos compositivos.

Esse processo simbólico, por meio do chapéu, é a sinalização, representação e não a concretização de todas as figurações analisadas como componentes dele. Para Peirce (2005), essa contemplação é uma rara capacidade que o artista tem de ver as cores aparentes na natureza como elas realmente são.

Dessa forma, portanto, chega-se à última análise do chapéu enquanto representação simbólica. Como visto acima, o chapéu utilizado pelo Arraial é composto por fitas caídas de cetim na parte da borda do chapéu como uma espécie de véu, e essas fitas são compostas sempre por 4 cores predominantes: azul, amarelo, verde e vermelho. É válido pontuar que não há uma padronização de uma sequência lógica para essas cores, elas convergem a partir da confecção de cada brincante no Instituto, todavia, há sempre de ser essas cores, nunca cultuando ou aderindo a outras tonalidades.

Essas fitas de cetim são representações do período em que o arrastão aborda: a quadra junina. Logo, faz-se necessário entender de onde surgiu este termo para essa festividade religiosa.

O período das festas juninas no Brasil é algo muito antigo; as tribos indígenas, antes mesmo da chegada dos colonos, já comemoravam, nessa mesma época, as festas em celebração aos seus Deuses, por meio de rituais, danças e muitas oferendas. Entretanto, a atribuição etimológica de “junina” vem dos colonizadores, que qualificavam à “joanina” e, por sua vez, oriundo de São João, pelo cristianismo da Igreja Católica. Entretanto, o termo “quadra junina” é somente utilizado na região Norte e Nordeste do Brasil.

Essa mistura com os povos indígenas atribuiu tradições como os fogos de artifício e as enormes fogueiras. Essas fogueiras serviam para afastar qualquer mal elemento ou espíritos ruins que poderiam estar presentes no cotidiano da mata; já os fogos são para “acordar” os santos da quadra.

Com o multiculturalismo, surgiram também as tradicionais bandeirinhas que servem como enfeites das festas para os Santos. Essas bandeiras passaram a ser sagradas, pois elas se referiam aos próprios Santos porque elas sempre estão estendidas ao ato de grandes salões e terrenos onde as festas eram produzidas e, assim, ao topo, como no céu.

Ademais, no começo dessa tradição sagrada, era comum que as iniciais dos nomes dos Santos fossem desenhadas nas bandeiras e se colocavam em águas para depois se banhar como forma de proteção, mas isso passou a ser conduzido

por ervas de outras vertentes religiosas advindas, principalmente, de africanos, o que são chamados banhos de ervas⁶.

Sabendo desse valor rico que se concretiza no período junino, o Arraial atribuiu em seu chapéu o valor dessa quadra como forma de representação dos quatro Santos que são venerados e responsáveis por tal denominação: Santo Antônio (padroeiro do amor e do matrimônio); São João (padroeiro da fartura, colheita e o patrono da tradição); São Pedro (padroeiro dos pescadores e da chuva) e São Marçal (padroeiro do desapego, do povo das águas e das mulheres das marés).

As fitas que compõem o chapéu são respectivamente as representações de cada um desses Santos. São quatro fitas com quatro cores diferentes para cada Santo da quadra: a fita de cor azul, que é atribuída à água, ao céu e, entre outras coisas, como visto acima, representa São João; a fita de cor vermelha, que remete a uma cor intensa e apaixonante, representa Santo Antônio; a fita de cor verde, que toma a significação da mata, esperança, liberdade e vitalidade, representa São Pedro; e a fita de cor amarela, que configura prosperidade, felicidade e calor, representa São Marçal.

Para Hobsbawm (2014), essa confecção do chapéu convencionalizado como simbolização desse cultuar religioso pode ser explicada pelas próprias tradições decorrentes de surgimentos de outros sistemas que se associam rapidamente em transformações em detrimento do que sociedade pode ou promove, ou se adapta, mas conservando a cultura de formas antigas como todos seus hábitos e costumes.

Desse modo, o Arraial desenvolveu, por meio da criação simbólica do seu chapéu, um trabalho que retrata a cultura folclórica belenense, carregando bem pontualmente esse olhar para as camadas da população periférica, do caboclo-ribeirinho e adjuntos juninos que fortificam as perspectivas de signos enquanto cultura e sociedade, proferindo na população da cidade um ato de motivação pela constante necessidade de valorização desse real e imaginário por meio de todas as congruências presentes no arrastão.

Contribuindo, portanto, com o que Peirce (2005, p. 46) determina como valor da linguagem por meio de signo, que é a constituição sobre aquilo que, em certos aspectos ou modos, representa algo para alguém e pode ser uma relação com propósitos.

⁶ Origem da festa junina. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57521052>. Acesso em: 10 jun. 2021.

5 O chapéu como índice

A estética é um elemento de identidade do Arraial, em cada arrastão há inúmeros indícios dessa afirmação, e, o maior de todos esses é o chapéu com o vislumbre do acetinado colorido. Além disso, esse adereço compõe a identidade do grupo e torna os sujeitos membros do arrastão.

Para entender o processo identitário por meio dos indícios do chapéu, deve-se compreender essa ramificação do esquema triádico peirceano.

O índice convém de um signo ou de alguma representação que reenvia ao seu objeto (não por ser análogo a ele) uma relação que indica (representa) o que o objeto é. Assim, analisa-se o processo de materialização de indicativos da comunicação, como, por exemplo, a fumaça para o fogo. O ponto aqui é a partida que o signo axioma as ideias para o ato comunicativo, tornando essencial o entendimento de que o homem é entidade semiótica e, até seu índice, é signo, conforme a afirmativa de Peirce (2005, p. 52):

Um índice é um signo que se refere ao seu objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto. Portanto, não pode ser um quali-signo, uma vez que as qualidades são o que são independentemente de qualquer outra coisa. Na medida em que o índice é afetado pelo objeto, tem ele necessariamente uma qualidade em comum com o objeto, e é com respeito a essas qualidades que ele se refere ao objeto.

Logo, ligam a presença ou a ausência de um objeto aos comportamentos possíveis de seu provável ato. Geralmente, porém, podem remeter a uma sentença propriamente dita, ou várias, dependendo do interpretante, ou seja, o signo indica, refere-se ou representa o denominado objeto (SANTAELLA, 2002, p. 7-8). E o índice determina um referencial de objetos, tornando-se uma relação de si para si mesmo, ou, melhor dizendo, um sin-signo que é um fato ou evento existencial e real do signo, que pode sê-lo através de suas qualidades (PEIRCE, 2005, p. 52).

Nesse viés, o chapéu é índice por ser um adereço marcado no cortejo do Pavulagem e tornou-se um indicativo de que quem usa é porque está indo acompanhar o trajeto ou que o período da quadra junina começou e, com ele, o arrastão do Boi Azul.

E por ter se tornado um símbolo que a população aderiu como parte pertencente do grupo, quem usa o chapéu está indicando a sensação de fazer parte do grupo, de indicar que junho chegou e, com ele, essa alegoria está marcada. Como também se tornou um patrimônio imaterial cultural do Estado do Pará, os turistas que chegam para aguçar e explorar a cultura deparam-se com esse fenômeno que se caracteriza pela figura do chapéu acetinado, a qual está localizada em qualquer ponto de venda de comércio pontual da região.

Mas, de fato, o maior indicativo que se tem por meio desse signo é a marcação de representação do arrastão. Assim, deve-se entender o derivado etimológico que tomou conta do cortejo e do próprio nome do grupo musical.

Dependendo do contexto, a palavra “arrastão” se configura de sentidos semânticos que são atrelados ao dialeto de cada região do país; entretanto, o sentido geral do termo se associa com uma espécie de tática de roubo coletivo urbano, podendo também ter um teor de arrastar com esforço, com violência.

Esse modo pejorativo transmudou em meados dos anos 1980 no Rio de Janeiro, mais especificamente nas grandes praias do estado; era comum ver os processos tecnológicos se fundindo, a máxima das favelas ficando cada vez mais populosa e com isso vieram as revoltas e grandes índices de criminalidade⁷.

Contudo, esse termo foi ganhando forças e mais forças e denotou-se com uma significação de celebração, marcando uma das maiores festas pagãs do país: o carnaval. Com os famosos blocos de ruas, o mar de gente se formando em volta dos trios elétricos tomou conta da etimologia e ganhou esse “neologismo” para firmar o sentido de arrastão.

Essa força que a palavra veio carregando aos empenhos semânticos, Geertz (1989) predispõe a afirmativa de que existe um conjunto de significados que a sociedade inscreve no corpo e, que a partir desse corpo, surgem fenômenos cultuadores de prestigiados que ganham forças socioculturais. Nesse caso, a palavra ganha força para a atração, o chapéu indica o arrastão do Pavulagem e a multidão se faz pertencente à valorização desse movimento e sai às ruas para prestigiar e formar esse arrastão que se assemelha também a um mar pelas ondas dos chapéus levantados e balanceados pelas mãos dos brincantes (Figura 4).

⁷ Significado e história do termo “arrastão”. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/arrastao>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Figura 4 – Fitas do chapéu.



Fonte: Roma News:

<https://www.romanews.com.br/entretenimento/arraial-do-pavulagem-volta-as-ruas-neste-domingo/49342/>

Conclusão

Neste trabalho, buscou-se compreender, por meio da semiótica, a relação do adereço (chapéu) enquanto signo na manifestação cultural realizada através dos arrastões do Arraial do Pavulagem na cidade de Belém do Pará.

Este grupo musical desenvolve um grande retrato da cultura amazônica e carrega, no chapéu, um forte marco de representações que puderam ser analisadas a partir da linguagem do processo da semiótica, ou melhor sistematizando, das relações de Símbolo e Índice que Peirce (2005) desenvolve em sua ciência.

Há tantos olhares de empoderamentos e valorizações dessa verossimilhança folclórica do homem periférico ao imaginário boi-bumbá que vivenciam nos meios dos cortejos, que ecoam vozes de resistências e compreensão da realidade que precisam ser valorizadas por meio dessa arte.

Os resultados explanados dessa análise qualitativa e bibliográfica são a imponência que o arrastão do Arraial do Pavulagem expressa em meio identitário da cultura nortista, atuando na pluralidade de conhecimentos para a população que preserva esse ato com gosto e prestígio, vislumbrando o adereço

PAVULAGEM: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CHAPÉU COMO ADEREÇO DO ARRASTÃO

como unidade de estudos etnográficos e de multiculturalismo realizados nos âmbitos do Instituto e nos cortejos a cada trajeto.

Nesse segmento, o arrastão é um modelo cultural que transborda a veemência em contrapartida à globalização que tenta massificar esses atos, causando uma singularidade que estimula na população, por meio semiótico, uma conexão pertencente às raízes culturais e sócio-históricas; assim, o Pavulagem reside em riquezas e representações amazônicas, tornando-se um dos maiores grupos de manifestações de atos antropológicos e artísticos da região.

A cultura amazônica costuma ser recepcionada e reconhecida pelo olhar de criações da via imaginária com aspectos estético-poetizantes (LOUREIRO, 2015). Desse modo, o chapéu cultua um sentimento poetizante que corrobora para a exuberante percepção que o arrastão do Arraial do Pavulagem reinventa e ressignifica.

Portanto, o papel do chapéu enquanto signo é da concepção mediante às origens da consciência plural ou de sentidos apreendidos do homem (PEIRCE, 2005, p. 14). O Arraial se preocupa com o fluxo da continuidade dessa tradição e carrega a permanência dialética do folclore, cultural, socioeconômica e histórica entre os brincantes que o seguem, dando sempre a liberdade de novos olhares modernos a partir dos elementos simbólicos já existentes que se agregam à cultura local.

Referências bibliográficas

- Arraial do Pavulagem. Disponível em: <http://pavulagem.org/>. Acesso em: 10.06.2021.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- Bumba meu boi. Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/bumba-meu-boi> Acesso em: 10.06.2021.
- CHAGAS JUNIOR, E. M. *Pelas ruas de Belém: produção de sentido e dinâmica cultural nos arrastões do Pavulagem em Belém do Pará*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém- PA, 2016.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- HOBBSBAM, E. J.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Org./ Tradução Celina Cardim Cavalcante. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- LAVAR, J. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- LIMA, D.; GOMBERG, E. Cultura, patrimônio imaterial e sedução no Arraial do Pavulagem, Belém (PA), Brasil. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 53-67, nov. 2012.

ROSA, F. M. P.

LOUREIRO, J. de J. P. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. 4.ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?*. São Paulo: Paulus, 2005.